

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Jackeline Bianca Begnis Cardoso

# PRODUÇÃO TEXTUAL EM SALA DE AULA

Uma proposta de ensino baseada na observação, no contexto e no diálogo

Orientador: Prof. Dr. Arcanjo Pedro Briggmann

Porto Alegre, junho/2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Jackeline Bianca Begnis Cardoso

# PRODUÇÃO TEXTUAL EM SALA DE AULA

Uma proposta de ensino baseada na observação, no contexto e no diálogo

Monografia apresentada para  
obtenção do título de licenciatura em  
Letras

Orientador: Prof. Dr. Arcanjo Pedro Briggmann

Porto Alegre, junho/2010.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	4
1. IDENTIFICANDO PROBLEMAS .....	6
1.1. Texto sem contexto .....	6
1.2. Falta de motivação .....	7
1.3. Livro didático: principal mestre das aulas .....	8
1.4. Discurso Autoritário .....	9
1.5. Baixa autoestima .....	10
2. DISCUTINDO SOLUÇÕES .....	13
2.1. Texto sem contexto .....	13
2.2. Falta de motivação .....	14
2.3. Livro didático: principal mestre das aulas .....	15
2.4. Discurso Autoritário .....	16
2.5. Baixa autoestima de nosso aluno .....	18
3. A TEORIA APLICADA NA PRÁTICA .....	19
3.1. O estágio .....	19
3.2. Descrição da seqüência de aulas .....	20
1º Passo: Textos da mídia e a primeira “pequena” produção .....	20
2º Passo: Definição de texto .....	21
3º Passo: Gêneros textuais da Mídia .....	22
4º Passo: Autoavaliação .....	23
5º Passo: Produção Textual – através da devida contextualização .....	25
6º Passo: Uma segunda leitura .....	26
7º Passo: Prova, improvisações e imprevistos .....	26
3.3. Colocando em Prática as teorias .....	28
3.3.1. Sobre o texto sem contexto .....	29
3.3.2. Sobre a falta de motivação .....	30
3.3.3. Livro didático: deixa de ser o principal mestre das aulas .....	31
3.3.4. Abolindo o Discurso Autoritário .....	32
3.3.5. Trabalhando a Baixa Autoestima .....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	38
ANEXOS .....	39

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho será apresentada uma proposta de ensino que visa tornar os alunos de ensino médio aptos a produzir um texto coerente, coeso, com poucos erros gramaticais e ortográficos, obtendo, assim, êxito nas aulas de produção textual, além de fazer com que esses alunos participem das aulas. A idéia dessa proposta surgiu através da observação das aulas de Língua Portuguesa – efetuada antes de atuar como professora-estagiária –, onde verifiquei uma realidade preocupante: alunos com pouco ou sem nenhum interesse em redigir um texto e professores acostumados a propor uma produção textual sem analisar o contexto do aluno. Diante desse cenário, tentei encontrar respostas que me levassem a entender o porquê da falta de vontade dos alunos e o porquê de suas dificuldades em escrever, ler e compreender. Acreditei que, após encontrar essas respostas, poderia mudar essa situação; no entanto, descobri que não há respostas prontas e, sim, reflexões a serem efetuadas a respeito dos prováveis motivos que levam um aluno à ojeriza pela leitura e produção textual. A partir de então, em vez de buscar explicações e fórmulas prontas, busquei – com o apoio de meu professor-orientador – teorias que pudessem ajudar a identificar os motivos que levam nossos alunos à falta de interesse pelas aulas de Língua Portuguesa. Acreditei que, se eu identificasse esses motivos, poderia buscar recursos que levassem os alunos a mudarem seu comportamento perante as aulas, adquirindo, assim, o gosto pela produção de textos e pelas leituras.

Para identificar tais motivos, além das pesquisas teóricas, tive de refletir sobre todas as observações de aula já efetuadas, considerando os estágios realizados anteriormente e, inclusive, minha experiência como aluna. Isso me permitiu enxergar toda uma realidade que não condiz somente com o comportamento e vontade de nossos alunos, mas que também condiz com o modo de agir dos professores. Com isso, consegui identificar esses motivos e comecei a questionar o modo como as aulas de Língua Portuguesa são conduzidas, o que me fez seguir um caminho diferente em meu estágio, utilizando recursos simples, mas que geralmente não encontramos em sala de aula: materiais extras e diálogo com os alunos. Verifiquei que uma simples mudança de comportamento – por parte do professor –

ajuda os alunos a produzir um texto coerente e coeso, além de fazer com que os alunos participem das aulas de Língua Portuguesa.

Isso posto, ao pensar em uma proposta para a monografia, lembrei-me do êxito que tive em meu estágio de Língua Portuguesa II e escolhi compartilhar essa experiência e os caminhos que segui para chegar a resultados satisfatórios. Neste trabalho, portanto, serão apresentados os recursos que utilizei para chegar a essa proposta de ensino: inicialmente serão apontados os problemas e as falhas de nosso ensino, ou seja, os motivos que levam o aluno a se desinteressar pela aula de produção textual; após, métodos para superar esses problemas e suprir carências. Finalmente, através do relato das aulas de meu estágio será mostrada a proposta que me possibilitou ser bem-sucedida em minha prática docente.

## **1 – IDENTIFICANDO PROBLEMAS**

### **1.1 – *Texto sem contexto***

“(…) não é possível texto sem contexto” (FREIRE, 1989, p.19).

Freqüentemente é solicitado ao aluno que elabore um texto de acordo com o tema proposto no livro didático, sendo que esse tema nem sempre condiz com sua realidade (contexto socioeconômico, idade, interesses, etc.). No entanto, a tarefa de “contextualizar” o tema de uma produção textual não é de inteira responsabilidade do livro didático. A participação do professor se torna indispensável; é o que pude verificar na disciplina de Estágio de Português II. Quando menciono a problemática “texto sem contexto”, não me refiro exclusivamente à falta de coerência entre o tema proposto pelo livro didático com a realidade do aluno, o que, de fato, muitas vezes ocorre. Refiro-me, especialmente, ao comportamento do professor, que tem o papel fundamental para fazer as adaptações necessárias tornando o tema de uma proposta textual interessante e mais próxima à realidade do aluno; isso porque as aulas de produção textual, baseadas exclusivamente nas propostas do livro didático, não despertam o interesse pela escrita, uma vez que esse livro não pode, obviamente, interagir com o aluno.

Mas por que essa falta de participação do professor em sala de aula? A partir de todas as observações realizadas como estagiária e das recordações de experiências como aluna, constatei que muitos professores, por estarem cansados, ou por não terem preparado aula, solicitam aos alunos que abram o livro na página tal e façam um texto de acordo com o que o exercício pede. Às vezes, nem o próprio professor lê a proposta, ou seja, conduz a aula baseado no índice do livro: tanto o tema do texto, quanto a realidade do aluno não são analisados. Isso ocorre, por exemplo, nos casos em que a produção textual é uma atividade utilizada para substituir uma aula e adiantar um período (quando falta um professor de outra matéria), ou para substituir uma aula não preparada.

O professor parece subestimar a importância das aulas de produção textual ao agir desse modo, não observando o contexto e as dificuldades que o aluno geralmente encontra para produzir um texto. O resultado disso são textos caóticos, escritos por alunos desmotivados. Portanto, é importante considerar o fato de que a produção textual sem contexto – aproximação do tema proposto com a realidade do aluno –, muitas vezes é de responsabilidade do professor, e não somente do livro didático.

## **1.2 – Falta de motivação**

A falta de motivação geralmente está relacionada ao que foi exposto no item anterior: ao propor um texto sem contexto, o aluno se sente desmotivado e alega não saber escrever, ou justifica a folha em branco por não ter “idéias” suficientes para desenvolver. No entanto, essa “falta de idéias” pode ser reflexo da imposição de um tema descontextualizado, sem explicação prévia, debate ou leituras anteriores.

Outra situação que leva à desmotivação é o receio que os alunos têm em relação às críticas do professor e de ver seu texto manchado de tinta vermelha:

A atitude tradicional do professor de português, ao receber um texto produzido por um aluno, é procurar imediatamente os ‘erros’, direcionar toda a sua atenção para a localização e erradicação do que está ‘incorreto’. É uma preocupação exclusiva com a forma, pouco importando o que haja ali de conteúdo. É sobretudo aquilo que chamo de paranóia ortográfica: uma obsessão neurótica para que todas as palavras tragam o acento gráfico, que todos os ç tenham sua cedilha (...) (BAGNO, 1999, p. 131).

Ao tentar elaborar um texto que esteja dentro dos parâmetros conceituados por gramáticas, o aluno “trava”, pois sabe que seu texto será analisado por um único leitor que está disposto a efetuar uma busca obsessiva por erros ortográficos e de concordância, circulando-os com tinta vermelha. O aluno, por sua vez, visando somente “acertar” o texto, torna o medo de “errar” mais forte que a vontade de se

expor, pois suas idéias e opiniões não serão consideradas, uma vez que a “forma” prevalece sobre o conteúdo.

### **1.3 – Livro didático: principal mestre das aulas**

A falta de tempo para preparar uma aula que esteja além dos conteúdos e exercícios propostos pelo livro didático é um dos fatores que leva os professores a recorrerem a esse livro em quase todas as suas aulas. Isso foi constatado através das observações que efetuei, além das conversas que tive com professores do ensino médio, inclusive de outras disciplinas. O livro didático acaba se tornando o grande “mestre”, o grande guia, a salvação do professor que, sem criatividade, motivação e tempo, se torna um “mero capataz” que distribui as tarefas do livro didático. Ao utilizar o livro para conduzir a maioria de suas aulas – se não todas –, o professor corre o risco de propor uma produção textual incoerente com o contexto da sala de aula.

E nos casos em que as propostas do livro didático estão de acordo com a faixa etária, realidade socioeconômica, enfim, com o contexto dos alunos? Mesmo diante dessa feliz situação, há alunos que têm dificuldades em elaborar um texto, o que pude observar na realização do Estágio de Língua Portuguesa II. Isso porque falta ampliar seu conhecimento de mundo, através de leituras prévias e debates em sala de aula. Sem condições e ferramentas para pensar sobre o tema sugerido, alguns alunos não conseguem ultrapassar a primeira linha do texto. Não basta, portanto, que um tema esteja de acordo com a realidade do aluno, embora isso seja o primeiro grande passo para começarmos a motivá-los. Além disso, verifica-se a necessidade da participação do professor, fazendo com o que os alunos reflitam sobre a proposta sugerida, através de exemplos, questionamentos, fatos cotidianos, ou seja, conversando com os alunos, o que muitas vezes deixa de ser feito porque o professor – conscientemente ou inconscientemente – conduz sua aula através de um “discurso autoritário”.



## **1.4 – Discurso autoritário**

Infelizmente, muitos professores ainda possuem um discurso autoritário interiorizado: “sou o detentor do conhecimento; um aluno não tem nada a ensinar, e sim, a aprender comigo”. Talvez não seja um discurso exatamente como esse, mas aproxima-se muito desta idéia – a de que os alunos serão sempre os que não sabem:

O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processo de busca (FREIRE, 1987, p. 34).

O professor que se mantém nessa “posição fixa” não fornece aos alunos o espaço necessário para se expressarem. Essa posição leva ao discurso autoritário, que, na verdade, mascara a falta de preparo do professor em relação a algum assunto. Há assuntos que o professor não domina e que muitas vezes os alunos estão mais informados por diversas razões: ou porque os alunos têm mais tempo para acessar a Internet, ou pelo simples fato de esses viverem em uma comunidade onde são testemunhas da realidade encontrada nos meios de comunicação. O professor, por sua vez, não ciente do assunto e querendo manter sua postura de detentor de todo o conhecimento, encerra a conversa e evita abrir um espaço onde o aluno possa expressar livremente o que pensa e o que sabe. Quando um professor não admite a falta de domínio e conhecimento sobre certo fato, automaticamente perde a oportunidade de desenvolver uma discussão pertinente através de questionamentos que podem ser realizados junto aos alunos, pois ao crer que ocupa a posição fixa de responder a todas as questões, jamais questiona. A prática de não questionar e refletir com seus alunos, contudo, inviabiliza uma aproximação entre professor e alunos.

O discurso autoritário, portanto, impossibilita a troca de experiências, idéias e opiniões entre aluno(s) e professor, sendo que essas trocas podem levar os alunos a desenvolverem a motivação necessária para escrever – além de fazer com que o professor amplie seu conhecimento de mundo:

(...) O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os 'argumentos de autoridade' já não valem (FREIRE, 1987, p.39).

Sendo assim, deve-se considerar o processo de aprendizado como uma troca em que o professor pode aprender junto com os alunos e ao mesmo tempo ensinar, partindo do relato da experiência de vida desses alunos.

### **1.5 – Baixa autoestima**

Crescemos com a idéia de que nós, brasileiros, falamos e escrevemos errado. Falar e escrever bem são habilidades que pertencem aos letrados ou a uma "elite" que tem acesso a uma "boa escola". Muitos brasileiros acham que é distante de sua realidade aprender o domínio da arte de falar e escrever corretamente. Talvez porque o domínio dessa arte não é exigido no contexto onde vivem, e não são levados a acreditar que podem se deparar com situações e contextos que exijam esse domínio.

A própria escola alimenta o mito de que brasileiro não sabe Português – principalmente os alunos. Mitos como esse levam ao que Bagno chama de baixa autoestima lingüística:

(...) existe uma distância enorme entre a *norma culta*, isto é, entre a língua *real* empregada de fato pelos falantes cultos, e a *norma-padrão*, o modelo de língua *ideal* que os gramáticos tradicionalistas tentam impor. E é essa distância que fez nascer, na sociedade brasileira, uma série de mitos que prejudicam profundamente o ensino de língua: 'português é muito difícil', 'brasileiro não sabe português', 'só os portugueses conhecem a língua certa', 'eu não sei português', e assim por diante.

Tudo isso cria o que chamo de baixo auto-estima lingüística: os brasileiros em geral têm vergonha ou medo de falar e de escrever em situações um pouquinho mais formais porque

acreditam que a língua que eles realmente conhecem não 'serve' para estas situações(...) (2004, p. 39-40).

No entanto, acreditar e divulgar o mito de que não sabemos nossa própria língua não faz sentido, uma vez que todos os cidadãos que nasceram e vivem no Brasil conseguem se comunicar, ou seja, têm o domínio da Língua Portuguesa. O que muitos não têm – por razões diversas – é o domínio da norma padrão de nossa Língua, cabendo à escola aprimorar esse conhecimento, introduzindo essa norma aos poucos, pela leitura e produção de diversos tipos de textos, e não através da exigência do “estudo da gramática”, baseado na memorização de nomes técnicos e regras.

Ao conviver em um ambiente onde é levado a acreditar que não sabe falar e escrever corretamente, o aluno desenvolve uma insegurança e um medo de escrever que vêm à tona quando uma produção textual é solicitada. Além disso, desvalorizar nosso aluno (ou qualquer outra pessoa) partindo do julgamento do modo como esse escreve ou fala, vai além das barreiras de um preconceito lingüístico: é julgar um ser humano sem considerar sua história de vida e seu contexto; é desacreditar na capacidade do aluno.

Qualquer avaliação da inteligência do aluno com base na desvalorização de seu dialeto (isto é, medida pelo domínio do padrão e/ou da escrita padrão) é cientificamente falha. Conseqüência: os alunos que falam dialetos desvalorizados são tão capazes quanto os que falam dialetos valorizados (embora as instituições não pensem assim) (POSSENTI, 2006, p. 35).

Subestimar a inteligência de um aluno ou de um grupo de alunos, porque esses falam um “Português socialmente desvalorizado” – o que pode ser um reflexo da comunidade onde vivem –, é um preconceito que pode levar um indivíduo a exercer um preconceito contra si mesmo e uma aversão ao sistema de ensino que critica os dialetos desvalorizados e tenta desesperadamente impor regras, acreditando que a gramática é o instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua. O aluno passa a acreditar que jamais terá esse domínio – pois não consegue decorar as tais regras. E o ciclo vicioso se perpetua: o preconceito exercido

pela escola e pela sociedade alimenta a baixa autoestima de nosso aluno, o qual, após “fracassar” nas provas e nos textos (baseados em decorebas e fórmulas respectivamente), acredita que realmente não sabe português, desenvolvendo um preconceito contra si, ainda que involuntariamente. Para refletir sobre essa problemática, recorro novamente a Bagno:

O tipo mais trágico de preconceito não é aquele que é exercido por uma pessoa em relação a outra, mas o preconceito que uma pessoa exerce contra si mesma.

(...) muitos brasileiros acreditam que ‘não sabem português’, que ‘português é muito difícil’ ou que a ‘língua falada aqui é toda errada’. E ao contrário dos demais preconceitos, que vêm sendo atacados com algum sucesso com diversos métodos de combate, o preconceito lingüístico prossegue sua marcha (1999, p. 75-7).

E por que será que o preconceito lingüístico prossegue sua marcha? Muitos não admitem ou não percebem que tal preconceito existe e, por esse motivo, não é trazido à discussão. Para muitos “gramatiquinhos” de plantão é mais fácil e lucrativo apontar o “erro” e perpetuar o preconceito que propor uma reflexão sobre a realidade e o papel de nossa Língua, como Bagno se propõe a fazer – e que a escola e os professores também deveriam fazer, a fim de não mais alimentarem a baixa autoestima de nossos alunos.

## **2 – DISCUTINDO SOLUÇÕES**

### **2.1 – *Texto sem contexto***

Como propor um texto com contexto? Antes de tudo: observar cada aluno e a turma ao todo; identificar até que ponto o meio onde vivem influencia em seu comportamento dentro da escola e/ou dentro da sala de aula. E principalmente: dialogar com os alunos, mesmo que isso leve a um assunto aparentemente trivial, mas é através de conversas despreziosas que podemos nos aproximar dos alunos e conhecê-los melhor. Pode-se iniciar um diálogo de diversas formas, através de uma notícia do meio de comunicação, por exemplo, ou até mesmo através de um tema polêmico de alguma novela ou filme. À primeira vista isso pode parecer despropositado, no entanto, podemos chegar ao seguinte resultado: ao fazer o aluno pensar e se expor sobre algo que julgamos banal (como programas de TV), cria-se uma situação onde poderemos conhecer melhor o contexto dos alunos e, ainda, desenvolver uma discussão interessante que levará o aluno a expor seu conhecimento de mundo. Além disso, o professor atento poderá expandir o conhecimento do aluno, como por exemplo, traçar uma comparação entre um episódio de novela, usualmente assistida pelos alunos, com um trecho de algum livro – ou, até mesmo, com o tema solicitado em uma produção textual. O professor, portanto, deve estar aberto às mais variadas formas de conhecimento, ser curioso e ter disposição para buscar fora da sala de aula ferramentas que poderão ajudar o aluno a refletir, falar e, conseqüentemente, escrever.

O professor não deve se limitar a seguir cartilhas e vencer conteúdos de um semestre. Há todo um material que encontramos fora da sala de aula que pode ser nosso aliado; para encontrarmos esse material, basta observar atentamente o contexto do aluno e dialogar com esse. Isso porque só poderemos contextualizar uma proposta de ensino se essa estiver de acordo com aquilo que o aluno vive, pensa, anseia, gosta e detesta. Sendo assim, para propor uma produção textual contextualizada, a participação do professor em sala de aula é fundamental, e isso é possível quando o professor se propõe a observar a realidade do aluno para que

possa aproximar o conteúdo a ser trabalhado com essa realidade, utilizando-se de materiais, conceitos e fatos que estão além da sala de aula.

## 2.2– Falta de motivação

O professor pode motivar o aluno a escrever, quando:

- Propõe um tema que esteja próximo ao seu cotidiano;
- Consegue trazer exemplos que ajudem a contextualizar o tema que será solicitado no momento da produção textual;
- Desenvolve uma discussão prévia relacionada a esse tema – em que toda a turma deve ser motivada a expressar seu ponto de vista;
- Incentiva o aluno a defender sua opinião – mesmo que outro colega não esteja de acordo – utilizando-se de argumentos baseados em sua vivência e experiência de vida.

Após, quando for solicitado ao aluno que escreva sobre determinado assunto, o terreno já estará pronto para a produção: foi “regado” com informações, opiniões, discussões e exemplos que servirão de base para o desenvolvimento do texto. Note que, para motivar o aluno, são necessárias várias atividades (que podem levar mais de uma aula) antes de solicitar a produção textual, e em todas essas atividades encontramos dois itens fundamentais, interlocução e contexto, introduzidos pelo professor:

O professor, diferentemente do texto teórico, é um interlocutor presente: cabe-lhe levar a teoria às suas conseqüências pedagógicas. Não lhe cabe, portanto, apenas dizer que escrever é reescrever; cabe-lhe também *orientar a reescrita do texto* e avaliar os resultados desse trabalho, que se encaminha num processo e não se dá num isolado ato prescritivo (GUEDES, 2003, p.45).

A presença do professor é de extrema importância, não pode ser substituída por teorias que ensinam como e o que escrever, as quais não consideram as experiências dos alunos. Cabe ao professor o papel fundamental de guiar a turma e de motivá-la a escrever a partir da interlocução iniciada e incentivada pelo professor; interlocução esta, que deve originar-se de fatos relacionados ao contexto dos alunos para uma participação efetiva desses.

Além das atividades e do diálogo, a postura do professor também influencia de modo positivo ou negativo, quando se trata de motivar a turma. Criatividade, espontaneidade, paciência e interesse são itens fundamentais para se produzir algo e motivar alguém a produzir. Portanto, o professor deve “aprender” a desenvolver essas habilidades, as quais estão além do que se é ensinado na faculdade. Aprendemos a ser criativos, espontâneos e pacientes com o dia a dia e, surpreendentemente, aprendemos com os próprios alunos.

### ***2.3– Livro didático: principal mestre das aulas***

O livro didático ou as cartilhas e os manuais de produção textual devem ser encarados como coadjuvantes, e não protagonistas das aulas. Se não foi possível buscar um tema ou preparar uma aula com materiais extras, e o livro se apresenta como solução, antes de solicitar aos alunos que abram em tal página, devemos fazer isso primeiramente. É importante analisar o tema do livro e utilizar nosso bom senso, julgando se esse tema parece ser coerente com a realidade da turma ou não. Se não for, cabe ao professor adaptar o tema ou até mesmo pensar em um outro.

Outra situação que deve ser observada é que, preocupados em seguir o conteúdo do bimestre (ou trimestre), a maioria dos professores não valorizam momentos em que é possível desenvolver um debate em sala de aula, pois isso estaria fora do programa e poderia atrasar os conteúdos seguintes. Sendo assim, perde-se a oportunidade de desenvolver o espírito crítico do aluno, devido ao fato de o professor estar demasiadamente preocupado em “vencer o conteúdo”. No entanto, se não incentivarmos nossos alunos a exporem o que sentem e o que pensam

através da fala, ficará mais difícil quando solicitarmos que coloquem no papel. Focar somente o conteúdo do livro didático em detrimento das oportunidades de debates em sala de aula, e não buscar recursos que estão além do livro, pode refletir de modo negativo no momento em que o aluno for produzir um texto e no seu desempenho em geral.

## **2.4 – Discurso Autoritário**

Primeiramente, há três coisas que um educador deve observar em seu comportamento: vaidade, orgulho e acomodação. É necessário deixar essas características – muitas vezes presentes no comportamento de qualquer ser humano – no lado de fora da sala de aula. Ser educador implica em ter humildade, paciência e curiosidade. Humildade em admitir que não sabe tudo, que pode aprender mais e junto com o aluno, além de ter a capacidade de escutar o aluno. Paciência quando o aluno disser “não entendi”, e buscar outras maneiras de se explicar, de ajudá-lo, de construir juntos o conhecimento. Curiosidade para aprender mais, porque aquele que gosta de ensinar, gosta de aprender e compartilhar. Isso se torna possível quando abolimos o discurso autoritário, que geralmente é:

- o reflexo da vaidade – quando alguém acredita saber tudo;
- o reflexo do orgulho – quando alguém não admite a falta de domínio sobre certo assunto e se nega a buscar junto a outra pessoa (nesse caso o aluno) a resposta ou a informação necessária;
- o reflexo da acomodação – falta de vontade em aprender, buscar novos recursos e métodos para fazer a diferença em nosso trabalho, nesse caso, nossas aulas. Quando um professor se acomoda, esse procura – talvez inconscientemente – se esconder atrás de livros didáticos e aulas decoradas que não permitem a fuga desse *script*, pois pode levá-lo a um território desconhecido revelando que não sabe tudo. Porém, ninguém é capaz de saber sobre tudo e devemos lembrar que aprender é uma troca.



Além disso, o discurso autoritário é um método adotado por vários professores com a intenção manter o respeito e a ordem dentro da sala de aula. Aparentemente o aluno pode respeitar, mas, na verdade, há o medo. Eis que há uma grande diferença entre respeitar e temer: uma delas é que o respeito dura mais tempo; além disso: “Com o tempo, passamos a odiar aquilo que muitas vezes nos põe medo” (SHAKESPEARE, 2005, p. 26).

Os tempos são outros, os alunos também. Não há sentido em querer regredir 40 anos sonhando em ter a sala de aula perfeita com os alunos perfeitos (mudos e calados) – sonho esse que escutei de uma professora do ensino médio. Ainda há a crença de que o discurso pedagógico autoritário em sala de aula é a única maneira de se impor o respeito e de se manter a ordem. No entanto, é possível dar espaço ao aluno e, ao mesmo tempo, chamar a atenção desse quando necessário, de maneira séria e respeitosa. Para sermos respeitados necessitamos respeitar. Isso parece ser uma realidade distante, mas o aluno é capaz de sentir quando o professor está preocupado em ensinar, dialogar (interação “democrática” ao invés de autoritária) e trazer recursos que tornem a aula mais interessante e próxima de sua realidade. Essas atitudes, conseqüentemente, geram o respeito por parte dos alunos, sem necessariamente recorrermos ao discurso pedagógico autoritário.

### **2.5 – *Baixa autoestima de nosso aluno***

A baixa autoestima do aluno, infelizmente, pode ser alimentada pelo professor. Portanto, deve-se evitar, em um primeiro momento, focar exclusivamente na forma como o aluno fala e escreve. Inicialmente é importante considerar o conteúdo do que o aluno tem a dizer. Deve-se, também, evitar o preconceito e o julgamento precipitados, transmitidos na idéia de que o aluno não sabe Língua Portuguesa e está na sala de aula para aprendê-la – através da decoreba de regras gramaticais. Bagno nos ajuda a refletir sobre essa questão:

(...) É importante um professor estar sempre consciente de que o aluno que comete desvios de ortografia não está cometendo “erros de português”. O aprendizado da ortografia exige exercício, memorização, treinamento – é uma competência que tem que ser *aprendida*, ao contrário de outras competências que são adquiridas naturalmente. Falar sua língua materna é uma competência do mesmo tipo de respirar, andar, chorar, espirrar, dormir... São capacidades que qualquer ser humano normal tem. Por isso, nós as exercemos automaticamente e com excelentes resultados. Escrever de acordo com a ortografia oficial é uma competência do mesmo tipo de dirigir um carro, tocar piano, dançar balé clássico, operar um computador: ninguém nasce sabendo isso, é preciso aprender, treinar, exercitar-se (2004, p. 30).

Sendo assim, o professor deve estar ciente de que o aluno já tem o conhecimento suficiente para se expressar, ou melhor, já possui a competência necessária para falar e se fazer entender em sua língua. O que o aluno ainda não possui é o domínio das normas e regras que ditam a ortografia oficial. No entanto, esse domínio é adquirido através do treino (leitura e escrita) constante – e não através da decoreba de regras. Portanto, o caminho a se tomar para desenvolver em nosso aluno a capacidade de dominar tais formas, é partir do conteúdo (daquilo que o aluno já sabe) para a forma e não o caminho inverso que alimenta a baixa autoestima de nosso aluno.

### 3 – A TEORIA APLICADA NA PRÁTICA

#### 3.1 – O estágio

O meu estágio de língua Portuguesa II foi realizado na Escola Técnica Estadual Senador Ernesto Dornelles. A professora titular apresentou-me os conteúdos programáticos e questioneei sobre a possibilidade de trabalhar texto com os alunos, ao que ela respondeu: “tudo bem, seria ótimo se você conseguisse, mas vou avisando que é difícil”.

A idéia de trabalhar texto com os alunos surgiu a partir da observação efetuada da aula da professora titular. Nessa aula, foi solicitado aos alunos que elaborassem um texto de acordo com o capítulo 27 do livro didático; notei que a proposta (“produzir uma notícia”) não tinha nenhuma ligação com o tema da aula anterior (“Morfologia”). Logo deduzi que a professora utilizou o livro didático para substituir uma aula não preparada e preencher o tempo que faltava, ou seja, o conteúdo sobre morfologia já havia sido esgotado nos dois primeiros períodos e, no terceiro, *restou* a produção textual – as aulas ocorriam em três períodos consecutivos.

Verifiquei muita resistência e dificuldade por parte dos alunos para elaborar esse texto, assim como escutei comentários como “detesto escrever”, “que saco”, “mesmo lendo o livro não entendi o que é pra fazer”, etc. Nenhum desses comentários, contudo, eram dirigidos à professora e, sim, eram efetuados entre eles. Notei que a classe em geral tinha medo de conversar com a professora e mais receio ainda em perguntar algo. Após um período, alguns entregaram o texto e outros enrolaram falando que terminariam em casa, o que não foi aceito pela professora e, portanto, tiveram que entregar o que já haviam escrito – mesmo sem concluir. Um dos meninos (Matheus) entregou uma folha em branco alegando que não sabia escrever um texto. Ao presenciar uma cena como essa, não me senti confortável em atuar como estagiária apenas para cumprir carga horária e vencer conteúdos: queria realmente ensinar algo e não apenas dar aulas expositivas e maçantes. Decidi que

meu estágio seria baseado na produção textual, ou melhor, buscaria recursos para fazer com que todos os alunos produzissem um texto.

Portanto, segui o caminho anteriormente relatado: primeiro enumerei os motivos que levam o aluno a ter dificuldades para produzir um texto (item 1.: Identificando problemas); após, busquei recursos que pudessem sanar essas dificuldades (item 2.: discutindo soluções). Logo após, tentei aplicar esses recursos nas aulas baseadas no meu projeto de estágio chamado “Gêneros Textuais da Mídia Impressa”.

### **3.2 – Descrição da seqüência de aulas**

A descrição será efetuada passo a passo, sendo que “cada passo” pode incluir de uma a três aulas, o que na verdade dependeu (e depende) da disposição da turma, entre outros fatores. Seguem, resumidamente, os materiais e o passo a passo seguido nas aulas em ordem cronológica.

#### *1º Passo: Textos da mídia e a primeira “pequena” produção*

Optei por trabalhar textos da mídia, pois, além de retomar a proposta anterior (elaboração de uma notícia), engloba assuntos muito próximos à realidade desses alunos, visto seu contato constante com as mais variadas formas de comunicação: televisão, internet e rádio. Em um primeiro momento, intermediei o contato dos alunos com jornais e revistas para leitura livre. A turma foi dividida em grupos, e solicitei que cada grupo elege-se a notícia que mais chamou a atenção de todos. Após, cada grupo leu sua notícia e vários debates e assuntos foram tratados em sala. Em um segundo momento, solicitei que analisassem, especialmente, as propagandas com questionamentos. Que tipo de propaganda (comercial, social ou institucional) predomina na televisão? Dentre os comerciais, que produtos são mais

freqüentemente anunciados na televisão? E em jornais e revistas? São produtos essenciais ou supérfluos?

Por último, finda a discussão (a qual contou com boa parcela de alunos participando e contribuindo), escrevi no quadro-negro os seguintes trechos de *slogans* encontrados na mídia impressa (retirados de outras revistas e jornais que não estavam em circulação na sala):

***Aproveite...***

***Compre já, em Porto Alegre...***

***Cuide do seu futuro.***

***Experimente...***

***Questione. Mude.***

***Venha conhecer a linha 2010...***

Solicitei, então, que os alunos – dessa vez divididos em duplas – criassem um produto e sua respectiva propaganda, utilizando-se de uma dessas frases como ponto de partida. Posteriormente, além da apresentação oral de cada uma das propagandas criadas, tecemos comentários e mostrei a todos a fonte original daqueles *slogans*. Dessa forma, pude ressaltar a criatividade de muitos e a capacidade de adaptação de bordões publicitários para quase qualquer produto, os quais os alunos demonstraram reconhecer bem.

Essa atividade teve o intuito de introduzir o aluno aos textos que serão constantemente trabalhados nas próximas aulas, além de estimular a criatividade do aluno, necessária para qualquer produção textual.

*2º Passo: Definição de texto*

Considerando que vários tipos de textos iriam ser explorados, primeiramente, busquei junto aos alunos a definição de texto para fazê-los refletirem sobre a importância do trabalho que é freqüentemente solicitado nas salas de aula: a

produção textual. Ao buscar essa definição, partindo simplesmente da palavra **texto** escrita no quadro, um outro processo foi treinado: a capacidade de desenvolver uma seqüência de idéias e repostas partindo somente de uma palavra. Um processo muito semelhante ocorre no momento da produção textual: um tema é proposto ao aluno, o qual terá que escrever frases bem estruturadas com idéias claras que dizem respeito ao tema solicitado; e a seqüência de frases e idéias inteligíveis são possíveis se houver uma reflexão sobre o tema da proposta solicitada. A definição de texto, portanto, foi uma maneira de treinar o aluno para o processo de “reflexão”: processo necessário que antecede a formulação de qualquer pequeno conceito ou texto.

### *3º Passo: Gêneros textuais da Mídia*

Após o contato com os textos, conceitos e definições simples (ver Anexo 1), cada tipo de gênero foi discutido e aos poucos os alunos foram percebendo a diferença entre os gêneros. Assim, os alunos puderam visualizar as características e os recursos utilizados para se escrever uma notícia e o que seria necessário ter em mente quando fosse solicitada uma produção como essa. O seguinte exercício foi proposto: elaborei duas folhas (ver Anexos 2 e 3) com recortes de jornais e revistas de diferentes gêneros textuais (propaganda, notícia e artigo) e distribuí pela sala. A turma foi organizada em dupla, e a cada dupla coube uma única folha, de modo que houvesse um equilíbrio de alunos com cada uma das folhas. As duas folhas não foram entregues para cada dupla por duas razões: porque tornaria exaustiva a realização dos exercícios propostos a seguir e porque eu queria limitar o universo de escolhas de cada dupla para facilitar depois a troca de informações entre elas. Inicialmente deixei a turma livre para ler e comentar entre eles. Depois, antes de propor qualquer atividade, reforcei algumas diferenças básicas entre propaganda e notícia, e entre notícia e artigo. O esquema que elaborei para orientar-me na condução dessa exposição segue no Anexo 4.

Uma vez concluída a exposição desse esquema, os alunos iniciaram a atividade: pedi que cada dupla escolhesse um único texto da folha, a seu critério, e respondesse às seguintes questões – escritas no quadro-negro:

1. Por que escolheram este texto?
2. Que recurso é utilizado para chamar a atenção?
3. Há um título de efeito?
4. Como vocês o classificariam? (artigo, propaganda, notícia...)
5. Qual o tema? Sobre o que se trata o texto?
6. Este texto pode ser melhorado?
7. O texto é imparcial, ou verifica-se ponto de vista do autor?

As questões podiam tanto ser entregues em folha separada, de caderno, quanto no verso da folha de recortes. O ato de avaliar um artigo, propaganda ou notícia, após o debate e exposição de tais gêneros, possibilitou ao aluno colocar em prática as teorias discutidas, conforme consta no Anexo 1 e 4.

#### *4º Passo: Autoavaliação*

Esse momento foi dedicado à autoanálise dos alunos, no que diz respeito a primeira “notícia” escrita por eles, ou seja, a produção solicitada na aula da professora titular. Explicam-se as aspas: se analisarmos a maioria dos textos produzidos sob a orientação da professora anterior, veremos que não é, de fato, uma notícia, e, sim, um texto com características de outro gênero textual; além disso, a primeira versão da notícia escrita por eles apresentava várias falhas ortográficas, gramaticais e na estrutura do texto. Os alunos receberam seus textos, leram e questionaram “Cadê a nota, professora?”. Respondi que o processo de produção textual ainda não havia terminado, ou seja, várias tarefas ainda seriam executadas até que eles chegassem à produção de uma notícia propriamente dita e bem redigida. Esclareci que todo o processo seria avaliado. “Quando começa essa avaliação, professora?”, um aluno questionou. Respondi-lhe que já havia começado.

Após receberem os textos, foi solicitado que trocassem seu texto com o do colega da frente e que sentassem em dupla com o colega do lado. O objetivo inicial era apenas a troca de textos com o colega da frente; todavia, nem todos tinham

produzido o texto e muitos escreveram poucas linhas. Para evitar que houvesse alunos ociosos, sem texto na mão, juntei-os em duplas.

Como diversos gêneros de textos da mídia já haviam sido trabalhados, propus uma análise em que teriam de dizer se o texto realmente tinha características de uma notícia; e se não tinha, a qual outro gênero estudado poderia ser encaixado. Para ajudá-los e ao mesmo tempo evitar uma classificação estanque, sugeri que os alunos atribuíssem traços genéricos ao longo do texto: por exemplo, + notícia ou – artigo (e vice-versa), em passagens que se assemelhassem mais com um dos gêneros e menos com outro. No final, deveriam com sua respectiva dupla chegar a um veredicto, classificando o texto em um dos gêneros estudados. Depois conferimos o que cada dupla havia classificado, e não foi surpresa que a maioria concordasse ter feito, de fato, um artigo (ou um “editorial”) ao invés de uma notícia, pois a maioria dos “autores” lidos se posicionavam e defendiam seu ponto de vista, o que normalmente não ocorre na notícia, ainda mais de forma tão explícita como tinha sido feito.

Esse exercício “classificatório” permitiu que os próprios alunos encontrassem suas falhas, não só referente ao tipo de gênero, como também desvios ortográficos entre outros. Ao ler o texto do colega, muitos perguntaram se poderiam “corrigir”, pois havia palavras erradas e “frases confusas”; aproveitei o ânimo deles e disse que poderiam sim, escrevendo com lápis a grafia certa de alguma palavra ou puxando uma seta de uma frase e escrevendo “confuso” ao lado. Ao receberem seus textos corrigidos pelo colega ao lado, ficaram ansiosos por reler os textos e conferir se a correção do colega era válida.

Tanto a avaliação do texto do colega como do texto da mídia, feita no momento anterior, facilitou a aprendizagem do aluno que geralmente ocorre de forma mecânica, muitas vezes limitada somente à leitura e à decoreba. Além da teoria estudada, a prática estimulada pela análise de tais textos serviu como um recurso para contextualizar e preparar o aluno para a produção a seguir.

*5º Passo: Produção Textual – através da devida contextualização (lendo e produzindo notícias: estimulando a criatividade dos alunos)*



Novamente ocorreu o contato com jornais de diferentes publicações: Zero Hora, Correio do Povo, O Sul, Diário Gaúcho. Propus que se reunissem em grupos de quatro integrantes no máximo, e as seguintes instruções foram passadas:

a) cada grupo deveria escolher uma notícia com foto ou desenho que a ilustrasse;

b) a notícia escolhida deveria ser recortada e entregue a nós; a foto, sem legendas, separada da notícia, seria entregue ao outro grupo;

c) de posse dessa foto e sem saber do que se tratava, cada grupo deveria inventar uma nova notícia usando a imagem como referência criativa.

Durante a execução da tarefa, circulei pela sala dando auxílio a quem pedia ou simplesmente interagindo com os alunos, que por vezes me chamavam apenas para compartilhar alguma idéia engraçada. O clima era bastante descontraído e isso se refletiu nas notícias, muitas delas tendendo para a comicidade – o que foi considerado, embora as notícias “verdadeiras” não tenham esse tom. No entanto, até mesmo notícias sérias eram escritas sob muitas risadas. Em nenhum momento pedi aos alunos que ficassem calados e não rissem, pois esse clima fazia parte de seu processo de criação e realmente todas as conversas e risadas estavam relacionadas à tarefa proposta e não a outros assuntos.

Considerando que a primeira produção textual dos alunos – solicitada sob orientação da professora anterior – não pôde, na maioria dos casos, ser considerada uma notícia propriamente dita, pode-se dizer que essa era a primeira notícia feita conscientemente com esse propósito. Sendo assim, não pretendi entrar nos mínimos detalhes técnicos do gênero, mas apenas naqueles já mencionados com mais ênfase, que o diferenciava dos outros, como a propaganda e o artigo. Essa produção refletiu que, através dos debates em sala de aula e das leituras prévias, os alunos conseguiram assimilar noções básicas para se produzir uma notícia. O texto foi recolhido e entregue na aula seguinte, mas sem correção ainda; disse que aquela era a última chance para corrigir e/ou modificar algum detalhe do texto. Imaginei que os

grupos, a turma em geral, não teriam o mesmo ânimo e incentivei dizendo que o texto, além de ser “corrigido” e lido por mim, também seria lido por um jornalista o qual faria uma análise técnica nos textos, identificando qual grupo conseguiu elaborar o texto que mais se assemelhasse a uma notícia de verdade. Então, entrei em contato com um amigo meu, jornalista do jornal O Sul, que se dispôs a fazer essa análise, ou seja, busquei recursos fora da sala de aula para motivá-los. E todos, mais uma vez, leram e analisaram suas criações.

#### *6º Passo: Uma segunda leitura*

Após recolher as notícias, corrigi-las e as expor à análise de meu amigo jornalista (Anexo 5), entreguei-as aos alunos. Muitos ficaram felizes pelos comentários do jornalista; talvez essa tenha sido a primeira produção que ultrapassou as barreiras da sala de aula, não se limitando somente a um leitor, o professor. Também foi entregue aos alunos a notícia verdadeira de onde saíra aquela foto originária de uma nova notícia. Solicitei que lessem com atenção as duas notícias e respondessem, em uma folha anexa, quais eram as semelhanças e as diferenças encontradas. Ficaram surpresos, ou porque haviam produzido uma notícia muito parecida ou porque estava totalmente diferente, e ainda verificaram que sua escrita estava melhor se comparada ao primeiro texto produzido na aula da professora titular.

#### *7º Passo: Prova, improvisações e imprevistos*

Como ainda não havia sido requisitada uma produção textual individual, pensei em solicitar que cada um elaborasse uma notícia. No entanto, embora a maioria tenha gostado do trabalho anterior e concluído com êxito, ao discutir com eles essa possibilidade, disseram “de novo, professora?”. Notei que tal proposta já estava esgotada, e que os alunos não teriam a motivação necessária para escrever algo, que, na verdade, já haviam produzido, mesmo que em grupo. Por isso, mudei de plano: apesar de ter atingido o objetivo esperado descrito no projeto, precisava

confirmar até que ponto as aulas de meu estágio contribuíram de maneira significativa para a melhora da escrita de cada um. Sabe-se que, em um trabalho em grupo, pode haver um aluno que simplesmente não contribuiu, sendo assim, a produção da notícia não pôde servir como parâmetro para analisar a evolução de cada aluno.

Considerando o projeto e refletindo sobre as aulas anteriores, acreditei que os alunos também haviam assimilado as características dos outros gêneros, principalmente dos gêneros *artigo* e *propaganda*, por terem sido os mais discutidos em sala de aula e os mais encontrados em jornais. Pensei, então, na elaboração de um artigo. No entanto, a professora titular cobrou a nota de uma prova, o que não estava no programa, sendo assim, tive que postergar a produção textual e focar na elaboração da prova. Mas tive uma idéia: solicitar na prova a produção textual. Uma crônica da Zero Hora (ver Anexo 6) serviu como base para a prova (ver Anexo 7). No entanto, confesso que cometi um erro ao solicitar uma produção junto a outros exercícios, o que tornou a prova um tanto exaustiva: pelo fato de eles não terem o tempo suficiente para refletir sobre a proposta, poucas linhas foram escritas e não se encaixavam ao gênero artigo. Fiquei um pouco frustrada, mas repensei e deduzi que uma das condições necessárias para a produção textual não havia sido considerada: tempo para pensar.

A correção foi baseada na reflexão que os alunos fizeram nas outras questões, e, apesar de terem considerado a crônica entregue como um artigo, de forma alguma considerei como questão errada, porque suas explicações e argumentos eram coerentes, tais como: “é um artigo, pois a pessoa que está fazendo o texto se posiciona em vários momentos com relação ao assunto”. Mas para que ficasse claro o gênero do texto da prova, na correção dessa questão coloquei a observação “Leia sobre Crônica Jornalística”.

A prova havia sido realizada, mas a produção textual individual, que era um dos objetivos principais do projeto, não. Por esse motivo, após conversar com a professora titular, resolvi dividir a nota da prova em duas: prova propriamente dita e a reescrita do texto proposto na última questão. Isso foi feito após discutir a prova com os alunos e conversarmos sobre a crônica da prova. Cada questão foi lida e comentada; isso ajudou a contextualizar a proposta da produção textual: “Escreva um

artigo (criticando ou elogiando) o texto “Passou um Filme em minha Cabeça” (Anexo 6). Expliquei a eles que na prova essa produção não ficou bem elaborada e que daria uma nova chance para complementar a nota da prova. No entanto, era uma das minhas últimas aulas, e a professora titular necessitava da nota “final”. Eu pretendia ficar com os textos para tirar cópias, comentar e comparar com a produção da prova, mas não pude, pois a professora titular necessitava dos dois trabalhos e das notas: das provas e dos textos. Portanto, logo após a aula, corriji o texto para dar uma “nota” à professora, e, depois, os reli para verificar e confirmar a evolução deles: texto com poucos erros gramaticais e ortográficos e estruturados organizadamente, bem diferente do primeiro texto.

### ***3.3 – Colocando em prática as teorias***

Em cada aula, lembrava-me das reflexões que havia efetuado e tentava aplicar tudo aquilo que havia defendido:

1. contextualizar o conteúdo da aula;
2. motivar o aluno;
3. evitar o uso do livro didático;
4. abolir o discurso autoritário;
5. não alimentar a baixa autoestima do aluno.

Tudo isso no intuito de fazer com que o aluno participasse das aulas e produzisse. Felizmente, atingi o objetivo proposto. Segue, agora, o relato das aulas que ilustram como isso foi possível. Tal relato, no entanto, não segue uma ordem cronológica, e, sim, a dos itens anteriormente discutidos.

### 3.3.1 – Sobre o texto sem contexto

Em uma das aulas observadas antes de iniciar o meu estágio, em apenas um período, os alunos tinham que elaborar um texto. Foi solicitada uma produção textual sem debate, ilustração e exemplos prévios por parte da professora – parecia que cabia ao livro didático essa tarefa. Esse livro, no entanto, trazia uma proposta interessante, mas ao mesmo tempo complicada: elaboração de uma notícia. Interessante porque fazia parte da realidade da maioria dos alunos; complicada, porque não era uma produção textual comum. Nesse caso, não era tanto o tema do livro que fugia do contexto do aluno, mas o “clima” da sala de aula em si era descontextualizado: professora sem preocupação em ilustrar a proposta ou propor debates que trouxessem alguma idéia aos alunos, os quais simplesmente tinham que se contentar com a explicação do livro – que até era muito boa, por sinal. No entanto, notei que, mesmo assim, os alunos não se motivavam a ler o que o livro explicava e muito menos a escrever. A explicação do livro era ilustrada em três páginas, muitos alunos perdiam o foco ao tentar ler, ficavam ansiosos por começar logo a escrever, pois tinham somente um período; e, quando tentavam escrever, sentiam-se frustrados.

Note-se que, nesse caso, mesmo que a proposta do livro didático aparentemente tenha algum sentido para o aluno, essa proposta perde toda a razão de ser, uma vez que falta o principal motivo que leva à contextualização de qualquer tema: a presença e participação do professor.

*Enfim, contextualizando o texto:*

Ao iniciar o estágio e elaborar o projeto de aula, decidi focar minhas aulas na mesma proposta da professora anterior: elaboração de uma notícia. Bem, o que esta professora levou um período para conseguir (ou melhor, conseguir com que poucos escrevessem); demorei um pouco mais, em torno de nove horas-aula. Primeiramente, pensei em como trazer para a sala de aula recursos que pudessem ajudar a

contextualizar uma proposta textual como essa. Decidi criar na turma um clima de “sala de redação de jornal”: levei revistas e jornais, e juntos, pesquisamos, analisamos e criticamos os mais diferentes gêneros de textos da mídia. Ajudei-os a refletir sobre conceitos questionáveis, como o de que toda a notícia é “imparcial”, pois através da análise de exemplos reais foi possível desmistificar mitos como esse.

O contato direto com os textos da mídia através de jornais serviu para trazer à sala de aula o contexto necessário para motivar à produção textual baseada no gênero “notícia”. No entanto, outros meios foram utilizados para se chegar a esse objetivo. O intuito de fazer com que os alunos produzissem somente um texto teve que ser repensado. Para a contextualização necessária, ou seja, fazer com que o aluno entendesse os motivos que levam à produção de um texto da mídia e como esse é devidamente elaborado, ocorreu todo um processo de “adaptação” antes. Primeiramente, após o contato inicial com textos da mídia e leitura desses, solicitei pequenas produções, como a elaboração de uma propaganda. Isso pode não ser uma produção textual propriamente dita, mas é o primeiro passo para que uma produção maior ocorra depois, atingindo, assim, o objetivo inicial: a produção de uma notícia. Essas pequenas produções e o contato com os mais variados textos jornalísticos propiciaram aos alunos o contexto necessário para que eles desenvolvessem uma série de reflexões e uma linha de raciocínio que contribuíram para o êxito obtido posteriormente: foram capazes de produzir textos bem redigidos e muito semelhantes às notícias “reais” de jornais.

### *3.3.2 – Sobre a falta de motivação*

*Acabando com a apatia dos alunos:*

Ao criar o ambiente de “sala de redação de jornal” na aula – buscando a contextualização necessária –, foi verificada uma mudança de comportamento dos alunos. Os debates, leituras de textos da mídia, o incentivo a expressarem seu ponto de vista, a abertura para críticas, tudo isso transformou a apatia dos alunos em

estímulo. Verifiquei, no entanto, que ao solicitar a pequena primeira produção escrita – uma propaganda – os rostos dos alunos se contraíram. Tentei incentivá-los dizendo que eles tinham o material suficiente para tal, e que os “errinhos” de ortografia e gramaticais não seriam considerados nesse momento, mas, sim, a criatividade que teria um peso maior. Dividi em pequenos grupos – três alunos – para a elaboração desse trabalho. Propus uma competição: o grupo que escrever a notícia mais criativa e interessante ganharia um “bombom”, o qual deveria ser dividido em três, “obviamente”. Bem, notei que o clima de desconcentração, somado ao fato de que eles não precisariam se preocupar com questões gramaticais, mudou a expressão de seus rostos, e, logo, se dividiram em grupos.

Nesse momento, um dos fatores que costuma levar o aluno a "travar" na hora de escrever foi abolido: a exigência de um texto que esteja dentro dos parâmetros conceituados por gramáticas. Além disso, suas idéias iriam ser consideradas, analisadas e divulgadas, e não teriam somente um leitor obcecado por encontrar erros, ou melhor, desvios gramaticais e ortográficos. O contexto aliado à valorização do conteúdo a ser escrito foi essencial para que o grupo se motivasse a escrever.

### *3.3.3 – Livro didático: deixa de ser o principal mestre das aulas*

Um tema proposto pelo livro didático – a escrita de uma notícia – foi aprofundado, contextualizado e trabalhado durante várias aulas. Durante o estágio fui em busca de idéias, materiais extras e pesquisas para proporcionar aos alunos leituras que os levassem a comparação, análise e conclusões próprias e não prontas – como as descritas no livro didático. Os alunos foram capazes de criar seus próprios conceitos a respeito dos mais diferentes tipos de gêneros jornalísticos, sem recorrer a definições prontas e fechadas, e, sim, pelo contato direto dos textos.

Revistas e jornais foram trazidos à sala de aula para pesquisa. Os alunos foram incentivados a expor suas idéias a respeito de notícias, propagandas entre outros textos da mídia. Os conceitos e as respostas prontas do livro didático foram

substituídos por conceitos e conclusões formulados pela própria turma, através de comparações entre os materiais trazidos e as aulas expositivas participativas – em que o aluno não só ouvia como também falava. Um exemplo: antes de expor aos alunos os diferentes tipos de textos e gêneros que encontramos em jornais e revistas, questionei o que eles entendiam por “texto”. O objetivo não era encontrar a definição de texto em si, mas fazer com que eles pensassem e chegassem a um conceito próprio utilizando a criatividade, o conhecimento prévio, desenvolvendo, também, a capacidade de refletir sobre suas próprias respostas. Escrevi no meio do quadro, em letras grandes, a palavra TEXTO. Perguntei o que eles entendiam por “texto”. Cada um deu uma resposta diferente; cada resposta era colocada no quadro através de uma seta puxada da direção da palavra texto. No início, as definições eram “básicas”, tais como: “é um conjunto de palavras”, “serve para expressar idéias”, etc. Logo após, questionei cada definição, no intuito de fazer com que eles desenvolvessem um raciocínio que os levassem a formular um conceito. Quando questionei “todos concordam que o texto é um conjunto de palavras?”, alguns afirmaram e outros ficaram em dúvida. Escrevi no quadro a seguinte seqüência de palavras: “pato vi branco redenção ontem na um”. Perguntei se isso era um texto, pois era um conjunto de palavras. Todos riram e, obviamente, discordaram, e um aluno disse: “é, tem razão, professora, não é um texto; tem que estar organizado e fazer sentido”. Então escrevi: “Ontem vi um pato branco na redenção”, e questionei novamente: “é um texto?”. Muitos responderam “não, daí é uma frase”. “Então textos é um conjunto de frases?”, perguntei, “depende” responderam. E aos poucos foi se formando um conceito de texto, até chegar a algo como “Texto é feito por uma seqüência de palavras e frases organizadas de tal modo que façam sentido. No entanto, esta seqüência serve para nos passar uma idéia ou uma informação”. Obviamente, muitos podem questionar tal conceito, e isso foi exposto a eles por mim: “há várias definições sobre o que é um texto, mas o importante é vocês entendam o que é antes de produzi-lo. E vocês demonstraram que conseguiram entender através das reflexões que juntos efetuamos”. À primeira vista pode parecer uma aula banal, mas começando de conceitos simples e aparentemente banais foi possível chegar a uma aula produtiva em que os alunos refletiram, participaram e construíram toda uma lógica para chegar a um conceito final.



Construir o conhecimento, ensiná-los a refletir sobre suas próprias respostas e deixar de lado todo o conteúdo maçante que o livro didático geralmente traz, foi um dos passos decisivos para que, posteriormente, eles pudessem elaborar um texto com idéias organizadas.

### 3.3.4 – Abolindo o discurso autoritário

As aulas, por não serem exclusivamente expositivas, concediam ao aluno um espaço para que pudesse questionar. Uma pequena produção já havia sido efetuada (elaboração de uma propaganda); conceitos haviam sido criados pela própria turma – a respeito do que é um texto, por exemplo; leituras seguidas de debates eram feitas, onde troca de informações, opiniões e experiências eram freqüentes. Eu procurava prestar atenção a qualquer comentário dos alunos, e às vezes aproveitava a oportunidade desse comentário para acrescentar alguma informação, o que fazia o aluno gravar algum conteúdo importante relacionado a algum tópico que estava sendo ensinado, ou melhor, demonstrado.

Referente à notícia abaixo, por exemplo, um aluno fez um comentário para defender o seu time:

Timão poupa jogadores.  
Se o Inter prefere correr o risco de perder jogadores na Copa do Brasil, o Corinthians mostra estar mais focado na competição. Irá preservar titulares contra o Inter. Ronaldo, Elias e William não devem atuar domingo, na primeira rodada no Nacional (Fonte ZH 2009).

Após o comentário do aluno – que defendia o Inter –, questionei se essa notícia era “imparcial” – característica normalmente atribuída a notícias. Juntos, concluímos que não e que, além dessa, há muitas outras notícias onde encontraremos elementos que podem levar o leitor a tomar parte daquilo que é defendido pelo autor da notícia. Isso mostra que, através da conversa com os alunos, um dos conceitos estanques do livro didático foi derrubado. Um aluno, inclusive, questionou: “Professora, o que o livro mostra está errado, então?” Respondi que não,

mas que o livro trata apenas das características gerais, não aprofundando o assunto, como estamos fazendo. Veja que em nenhum momento o aluno foi “podado” a questionar e principalmente a contestar, como geralmente é feito em aulas onde o discurso autoritário não permite ao aluno “duvidar” e refletir sobre certo conteúdo.

Durante o estágio, portanto, evitei recorrer a qualquer tipo de discurso autoritário como aquele que também é utilizado para impor a vontade do professor através de gritos, deboches e chantagens. Quando a turma estava agitada, por exemplo, pedia para que ficassem quietos; mas, se não atendiam meu pedido, simplesmente ficava calada olhando para eles e demonstrava, pela expressão facial, que estava chateada com a turma. Em poucos instantes, alguns alunos percebiam e começavam a pedir uns aos outros que ficassem quietos. Isso ilustra o que foi mencionado no item 3.4: o aluno é capaz de sentir quando o professor está preocupado em ensinar, dialogar (interação “democrática” ao invés de autoritária) e trazer recursos que tornem a aula mais interessante e próxima de sua realidade. Essas atitudes, conseqüentemente, geram o respeito por parte dos alunos, sem necessariamente recorrermos ao discurso pedagógico autoritário.

### *3.3.5 – Trabalhando a baixa autoestima*

Em umas das aulas foi entregue a eles a primeira produção de notícia – feita na aula da professora titular. Após, foi solicitado que lessem em voz alta a sua notícia ou a notícia do colega – pois estavam sentados em dupla. Ao término, perguntei: “Por que vocês acham que estão aqui na aula de Língua Portuguesa?”. Vi pelo semblante deles que não esperavam uma pergunta como essa. Olharam-se. Ninguém respondeu. Questionei: “Estão aqui para aprender a falar português?”; eles discordaram, disseram que já sabiam. “Estão aqui para aprender a escrever português?” Muitos disseram que já sabem escrever, mas sempre “escrevem errado”. Questionei, então, se eles estavam lá somente para aprender a escrever corretamente, muitos concordaram. Disse que, na verdade, podemos fazer mais do que aprender a escrever “corretamente”, podemos aprender a como escrever. Conversei com os alunos sobre o fato de eles já serem suficientemente competentes

para escrever, ler e falar Português: “as produções de texto que cobramos de vocês assim como exercícios, conteúdos, etc. não servem somente para avaliá-los ou passá-los de ano ou não; também não servem para ensinar ‘Português’, porque vocês já sabem”. “Então para que estamos aqui?”, questionaram. “Para que vocês aprendem a como dizer e escrever algo e serem ouvidos ou lidos nas mais variadas situações”. Muitos se olharam e pararam para pensar no que eu havia dito. Tomei como exemplo a frase “A saúde do Brasil é uma vergonha!” – encontrada em um dos textos produzido por eles. O Brasil está gripado? Perguntei. Muitos riram, mas entenderam a importância de especificar o que escrevemos para não dar abertura a definições ambíguas transformando um assunto sério em chacota. “Portanto, vocês são capazes de escrever; basta prestar atenção no que escrevem, como escrevem e para quem escrevem. E para aperfeiçoar sua escrita e o conhecimento da própria língua, a prática se faz necessária: escrever e ler”, complementei. Tentei mostrar que eles já sabem escrever e falar sua própria língua e que a escola só serve para aprimorar esse conhecimento. “Se quisermos escrever uma carta ao responsável pelo posto de saúde de nossa comunidade ou uma carta a algum jornal denunciando alguma situação absurda que vimos no hospital, para sermos ouvidos ou lidos, e ainda, persuadir alguém a melhorar essa situação, será necessário escrever mais do que ‘A saúde do Brasil é uma vergonha’ não concordam? Todos concordaram.

Portanto, somente após fazer o aluno tomar consciência de seu próprio conhecimento, poderemos ampliar esse conhecimento: “Para ajudar alguém a desenvolver um saber, o primeiro passo é dirigir-se a essa pessoa como se ela já fosse detentora deste saber” (FOUCAMBERT, 1994, p.20).

Isso, no entanto, não é possível se nós, professores, não respeitarmos o que os alunos já sabem. Caso contrário, além de o aluno não se sentir à vontade em aprender e ampliar o seu conhecimento, estaremos alimentando sua baixa autoestima lingüística (e até social) presente na maioria de nossas salas de aula.

## CONSIDERAÇÃO FINAIS

Ao apresentar uma proposta de ensino que visa tornar os alunos de ensino médio aptos a produzir um texto e a participar das aulas de Língua Portuguesa, foi verificado que a produção textual é uma consequência de exercícios, trabalhos e diálogos efetuados em aulas que antecedem a produção de um texto, a qual não pode ser encarada como uma avaliação “avulsa”, sozinha, sem nenhuma ligação com momentos anteriores, em que se deve fornecer ao aluno a devida contextualização e motivação para se escrever “algo”. Para tanto, primeiramente houve uma reflexão sobre os problemas apontados para depois buscar recursos que levassem o aluno a produzir e a aprender com o que produziu. Após a exposição desses problemas, reflexões e recursos, há o relato das aulas de meu estágio, as quais ilustram todo o processo que culminou no êxito dos alunos.

Ressalto que as reflexões trazidas neste trabalho são válidas nos diferentes contextos que encontrarmos em sala de aula, enquanto que o passo a passo das aulas do projeto pode adaptar-se ou não a certas turmas, cabendo, sempre, ao professor uma análise crítica de toda teoria, plano de aula e/ou projeto, efetuando as mudanças e as adaptações necessárias. Ou seja: creio que o relato de cada aula de meu estágio pode ou não ser seguido a risca por outro professor, o que dependerá da realidade de seus alunos, enquanto que as questões e reflexões apresentadas podem ser consideradas sob várias circunstâncias e realidades, pois são questões freqüentemente presentes em sala de aula e que, inclusive, podem ser estendidas a outras disciplinas no intuito de se pensar sobre a posição que o professor ocupa em sala de aula e a relação que esse estabelece com seus alunos.

Neste trabalho, portanto, houve o intuito de apresentar uma proposta de ensino a qual ilustra o modo como meu projeto de Estágio de Língua Portuguesa II foi aplicado, demonstrando que a relação estabelecida com os alunos, a partir das análises e teorias levantadas, trouxe resultados satisfatórios, pois contribuiu de maneira significativa para a produção e participação dos alunos em sala de aula.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Milton José de. *Ensinar Português?*. In GERALDI, João Wanderlei (org.), *O texto na Sala de Aula*. 4ª ed. São Paulo, Ática, 2006.

BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro, um convite à pesquisa*. 5ª ed. São Paulo, Parábola Editorial, 2004.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico*. 21ªed. São Paulo, Loyola, 1999.

BRIGGMANN, Arcanjo Pedro. *Dispositivo Escolar e Ensino de Língua Portuguesa*. Porto Alegre, UFRGS, 2000.

FOUCAMBERT, Jean. *A Leitura em Questão*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. *A importância do Ato de Ler*. 23ª ed. São Paulo, Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GERALDI, João Wanderlei (org.), *O texto na Sala de Aula*. 4ª ed. São Paulo, Ática, 2006.

GUEDES, Paulo Coimbra, *Da Redação Escolar ao Texto, Um Manual de Redação*. 2ª ed. Porto Alegre, UFRGS, 2003.

POSSENTI, Sírio. *Sobre o Ensino de Português na Escola*. In GERALDI, João Wanderlei (org.), *O texto na Sala de Aula*. 4ª ed. São Paulo, Ática, 2006.

SHAKESPEARE, William. Antônio & Cleópatra. 1ª ed. Porto Alegre, L&PM, 2005.

## ANEXOS

Gêneros Textuais .....	Anexo 1
Recortes de notícias, propagandas e artigos de jornais e revistas .....	Anexo 2
Recortes de notícias, propagandas e artigos de jornais e revistas .....	Anexo 3
Diferenças entre notícias, propagandas e artigos .....	Anexo 4
Comentário das notícias.....	Anexo 5
Crônica da Zero Hora .....	Anexo 6
Prova .....	Anexo 7

## Anexo 1

➤ **Notícia**

Relato de fatos ou acontecimentos atuais, geralmente de importância e interesse para a comunidade, *sem comentários pessoais*, opiniões ou interpretações por parte de quem escreve. Os títulos são chamativos (manchetes) para atrair a atenção de quem lê. No início do texto, freqüentemente, aparece um pequeno resumo com as informações essenciais do fato noticiado (lide).

➤ **Reportagem**

Relato de fatos de interesse do público, com acréscimo de entrevistas e comentários para que possa ter uma visão mais ampla do assunto tratado. Nesse tipo de texto, podem ocorrer interpretações e opiniões acerca do fato relatado, baseadas em estatísticas, depoimentos e comparações com acontecimentos relacionados ao assunto tratado.

➤ **Entrevista**

Objetiva registrar um depoimento de uma pessoa pública ou que este esteja relacionada a algum acontecimento atual. É utilizada para dar veracidade a uma reportagem ou para saciar a curiosidade dos leitores sobre aspectos da vida profissional ou pessoal do entrevistado. Para tanto, é organizada na forma de perguntas e respostas.

➤ **Editorial**

Texto de caráter opinativo, escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura. Possui estrutura semelhante à de um texto dissertativo, de intenção persuasiva. Nele os editores do veículo expressam, formalmente, sua opinião acerca dos mais diversos assuntos, principalmente, os mais polêmicos e atuais.

➤ **Artigo de opinião**



Assim como o editorial também é um texto de caráter opinativo. Porém, ao invés de representar a opinião do veículo em que está sendo divulgado, tem caráter pessoal. Logo, deve vir assinado pelo autor, que se responsabiliza pelo conteúdo, ou seja, pelas opiniões apresentadas.

➤ ***Crônica jornalística***

Aborda assuntos e acontecimentos do dia-a-dia, apreendidos pela sensibilidade do cronista e desenvolvidos de forma pessoal por ele. Geralmente, contém ironia e humor, já que seu objetivo principal é fazer uma crítica social ou política. Luís Fernando Veríssimo e João Ubaldo Ribeiro são exemplos atuais desse tipo de texto.

➤ ***Resenha crítica***

Apresenta o conteúdo de uma obra. Indica-se a forma de abordagem do autor a respeito do tema e da teoria utilizada. É uma análise crítica, pois encerra um conceito de valor emitido pelo resenhista sobre a obra em questão. Pode-se fazer uma resenha crítica sobre um livro, um show, um espetáculo teatral, entre outros.

➤ ***Carta do leitor***

Texto em que o leitor de jornal ou da revista manifesta seu ponto de vista sobre um determinado assunto da atualidade, usando elementos argumentativos.

➤ ***Divulgação científica***

Textos informativos com vocabulário preciso, frases curtas, ou seja, objetivo. Tem por finalidade divulgar para o grande público as descobertas mais recentes no campo das ciências em geral.

A utilização de célula-tronco em portadores de deficiências físicas é um tema que se encontra em vários jornais e revistas atualmente.

Fonte: <http://www.cintiabarreto.com.br/didatica/generostextuais2.shtml>

## Anexo 2

# Brasil = México + Colômbia

País assume uma triste liderança no ranking de blindagem de veículos

Ricardo Mendonça

A taxa de criminalidade nas grandes cidades brasileiras permitiu ao país bater mais um triste recorde. O Brasil havia assumido a liderança no ranking da blindagem de automóveis. Agora, des-

## Péssima notícia

O gráfico mostra a evolução do número de carros blindados no Brasil ano a ano. A esmagadora maioria circula em São Paulo. Infelizmente, o aumento na quantidade de blindados acompanha o crescimento do índice de sequestros no Estado



## Chuvas deixam sete mortos na Bahia.

O Corpo de Bombeiros de Salvador, na Bahia, informou ontem ter localizado o corpo de um homem de 39 anos, a sétima vítima das chuvas que atingem a cidade desde abril. Ele teria tentado atravessar um córrego na terça-feira, dia em que a chuva caiu mais forte na região, e foi levado pela correnteza. Ainda estão sendo feitas as buscas por uma menina de 6 anos, que foi arrastada pelas águas, também na terça-feira.

**Bar das freiras**  
As freiras da tradicional cantina da PUC Rio estão ameaçadas de perder o ponto - e o sustento - por concorrência interna. Dizem por lá que um professor, dono de restaurante, propõe oferecer serviços melhores.

## TEMPERO DE LAMA

# COZINHANDO COM SUJEIRA

Imagine fazer sua comida com xixi. Anti-higiênico? Alguns cientistas americanos juram que não. Eles criaram uma comida desidratada que pode virar um almoço mesmo se feito com a água mais suja que se possa imaginar, de lama a urina. A idéia é diminuir o peso que os soldados carregam - a novidade diminui a carga de comida de 3,5 quilos para apenas 400 gramas. O sistema é uma pequena bolsa com duas partes - uma para uma porção de frango e arroz, outra para a água suja. São separados por uma membrana com buracos microscópicos, por

onde passa a água, mas não sujeiras, vírus e bactérias. Quando as primeiras moléculas de líquido alcançam a comida, elas formam uma solução concentrada que puxa, por osmose, água pura do outro compartimento. "É desse jeito que as árvores sugam a água do solo", afirma Bob Salter, presidente da Hydration Technology, empresa que desenvolveu a membrana. A empresa garante que o rango é legal. "Soldados cozinharão com urina durante duas semanas no Iraque e disseram que o gosto era bom", diz Salter. **LIA PIMENTA**

O Vivo Controle é o plano controle mais barato do mercado. Por apenas R\$ 32 por mês, você fala como quiser. E se quiser utilizar mais é só fazer uma recarga, igual a um celular pré-pago.

Almoço guerreiro: encha essa sacola high tech com água suja e... voilá, que delícia!

## Programa Minha Casa, Minha Vida.

Terminam hoje, em Porto Alegre, as inscrições ao Programa Minha Casa, Minha Vida, do governo federal, que oferece moradias com prestações baixas para pessoas com renda de até três salários mínimos. Os interessados devem comparecer à sede do Demhab (Departamento Municipal de Habitação) ou aos Centros Administrativos Regionais.

Para um barbear mais rente e confortável, use também a espuma de barbear Foamy.

30g de fibras por dia ajudam a diminuir o risco de ataque cardíaco



## Anexo 3

## CONTA CORRENTE

Lembre-se de que todo grupo de alimentos tem uma função importante. "Os carboidratos são nossa conta corrente. Possibilitam os esforços físicos diários, como subir uma escada. Já a gordura forma nossa caderneta de poupança. O corpo só usa gordura para esforços mais longos, como exercícios físicos prolongados", diz Annete Abdo. Nesse cenário, proteínas seriam nossa credibilidade. Formam a estrutura que nos permite abrir a conta no banco – ou seja, são a massa corporal. Sem elas, não há conta corrente nem caderneta de poupança.

A metáfora é valiosa em tempos em que a economia fala tão alto. Se você tira todo seu dinheiro da conta corrente (consome poucos carboidratos), vai usar o dinheiro da caderneta de poupança (gordura). O gerente do banco vai achar estranho que você esteja gastando suas reservas e vai cortar seus benefícios (para se proteger da escassez, o corpo reduz o metabolismo). Sem investimentos você perde credibilidade (a massa corporal) e se você precisar de um empréstimo (comer algo mais calórico) seu banco vai cobrar juros altíssimos (você engorda muito mais rápido). É por isso que o único jeito eficiente de mexer em investimentos sem conseqüências desastrosas é ganhar credibilidade. Comer com moderação e fazer exercícios físicos regularmente, que aumentam a massa corporal e dão agilidade ao metabolismo.

Evite ações de alto risco (dietas muito radicais), diversifique investimentos (não coma apenas um grupo de alimentos: variedade é o outro mantra da alimentação). E, lembre-se, muito lucro pode sair caro. Nossa obstinação por barganhas pode se reverter em alguns anos de vida a menos. **E**

### Manifestantes a laço

Como tinha pouca gente – uma 150 pessoas – no protesto de estudantes e militantes do PSOL diante do STF, quarta-feira à noite, os organizadores deram um jeito: arremeteram índios acampados na Esplanada dos Ministérios para fazer número. É segurar velas.

Sérias, viagens, baladas.  
O verão foi feito para  
perder o controle.  
Menos da sua conta de celular.

Conheça o novo Prestobarba Excel,  
o único aparelho descartável que oferece:

- Lâminas auto-ajustáveis que se adaptam às curvas do seu rosto.
- Cabo emborrachado antidesslizante para máximo controle.
- Cabeça fácil de limpar e enxaguar.

**Experimente!**

### Timão poupa jogadores.

Se o Inter prefere correr o risco de perder jogadores na Copa do Brasil, o Corinthians mostra estar mais focado na competição. Irá preservar titulares contra o Inter. Ronaldo, Elias e William não devem atuar domingo, na primeira rodada do Nacional.

Quanto mais integral, melhor. Grãos refinados não fazem falta e aumentam a produção de insulina – um problema

MIL DESCULPAS, SEUS E-MAILS FORAM APAGADOS

## AMIGO COMPUTADOR

O que irrita nos computadores não são os defeitos, mas sim a falta de educação. Foi o que descobriu Jeng-Yi Tzeng, da Universidade Nacional de Tsing Hua, Taiwan, que pesquisou a raiva que sentimos quando a máquina de repente deixa de funcionar. Inspirado em um provérbio chinês que diz que "ninguém maltrata uma pessoa educada", Tzeng convidou 269 estudantes para testar um jogo em que deveriam completar provérbios com a ajuda de umas dicas. Tinha uns problemas: o jogo era chato, as questões se repetiam e as dicas eram inúteis. Ele terminava de duas maneiras: uma amistosa ("Desculpe, as dicas não foram úteis para você. Tente de

novo") e outra antipática ("As respostas não estão corretas"). Na versão simpática, 60% dos jogadores disseram que as desculpas tomaram o jogo mais agradável. Os que receberam as mensagens antipáticas não reclamaram, talvez por já esperarem esse tratamento, mas foram mais duros na hora de avaliar o programa. "Quem teve respostas educadas se sentiu mais confortável ao jogar", afirmou Tzeng. Para ele, a relação entre homens e softwares melhoraria se os programadores deixassem de passar adiante os erros das máquinas. Já os defeitos, esses não acabarão tão cedo. **E**

BARBARA AXT

### Pintor morre espancado em Santa Maria.

Um pintor de 39 anos morreu espancado ontem na Vila Pôr-do-Sol, em Santa Maria. O corpo do homem – com cortes na cabeça, no rosto e afundamento no crânio – foi achado coberto por folhas e galhos em uma valeta. O caso será investigado pela Polícia Civil. A família da vítima suspeita que a agressão seja resultado de um desentendimento.

## Anexo 4

Esquematizar no quadro esta diferença:

Propaganda:

Características predominantes

- Utiliza-se de Slogans\*
- Tempo verbal: geralmente presente
- Modo do verbo: na maioria das vezes M. Imperativo

Obs: O modo imperativo já havia sido trabalhado pela professora titular e discutido rapidamente em nossas aulas, mas sem um aprofundamento. Tal definição serviu como um modo de ilustrar as diferenças entre notícia e artigo).

\*Um slogan ou frase de efeito é uma frase de fácil memorização usada em contexto político, religioso ou comercial como uma expressão repetitiva de uma idéia ou propósito. Muitas vezes é usado por empresas.

Obs: Um slogan político geralmente expressa um objetivo ou alvo ("Trabalhadores do mundo, uni-vos!"), enquanto um slogan publicitário é mais frequentemente usado como uma identificação de fácil memorização agregando um valor único à empresa, produto ou serviço.

Notícia:

Características predominantes

- Título (de efeito)
- Tempo verbal: pode variar
- Modo do verbo: predominantemente no M. Indicativo

Notícia X Artigo: pois como iremos trabalhar com revistas tb, importante traçar a diferença entre estes, pois (Pelo fato de que iremos trabalhar com revistas, é importante trazer a noção de artigo também: pois em revistas encontramos – predominantemente – artigos, enquanto que em jornais há a predominância de notícias. Propor a eles esta reflexão):

Artigo:

O artigo é um texto escrito por determinado autor (por encomenda ou não) a respeito de determinado assunto. Por exemplo, sobre a honestidade da maioria dos senadores desta nossa república. Tudo o que ele – o autor – escrever estará sob sua responsabilidade e, o veículo onde for publicado não terá (teoricamente) responsabilidade alguma (artigo de jornal ou revista, por exemplo).

Notícia:

Refere-se a algum fato ou acontecimento específico, comprovado e atual - por exemplo: A gripe suína. As notícias dando conta de que os 40 cretinos do mensalão foram considerados culpados e vão para julgamento; ou então o fato de que Renan Calheiros foi considerado culpado pelo Conselho de Ética, por maioria e que poderá ter seu mandato cassado: isto é notícia; ninguém pode contestar e ele, Renan, não pode processar ninguém. Ou seja: fala-se sobre um fato consumado e não uma especulação de algo poderia e/ou teria efetivamente acontecido.

Além disso, foi enfatizado que:

- Em notícias não há comentários pessoais, opiniões ou interpretações por parte de quem escreve. (muitos dos textos produzidos tiveram comentários pessoais.
- Os títulos são chamativos (manchetes) para atrair a atenção de quem lê.
- No início do texto, freqüentemente, aparece um pequeno resumo com as informações essenciais do fato noticiado (lide).

Fonte: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070902171702AAAXONJ>



## Anexo 5

Notícias:

### 1) Ladrão Embriagado

Ontem na capital, um assaltante de 34 anos depois de beber, rouba um ônibus da empresa STS no fim da linha na rua Salgado Filho, centro da capital. Ao sair do fim da linha, o assaltante tira uma arma e ameaça os passageiros mandando entregar os seus pertences e assumindo o volante.

Ao entrar na João Pessoa, o assaltante entra na contra mão da movimentada avenida se chocando com outro ônibus, causando vários feridos.

O mais chocante foi a morte de Maria Rudária, mulher de 27 anos que no momento da colisão estava atravessando a rua quando foi pega de surpresa pela colisão dos ônibus, morrendo esmagada no meio deles.

Junto com Maria Rudária, morreram mais 7 pessoas, incluindo o assaltante, com a colisão dos ônibus, deixando 17 feridos, 3 em estado grave que foram levados para o HPS da capital.

*Comentário:*

Muito bom esse texto. Bem próximo do que vemos nos jornais. Mas algumas coisas ficaram meio confusas. Em determinado momento foi citado no texto que o mais chocante foi a Morte de Maria Rudária e que junto com ela morreram 7 pessoas. É certo que o fato dela morrer esmagada pode ser tido como um evento fora do comum, mas no contexto geral, a morte de 8 pessoas em um acidente automobilístico pode gerar uma noticia maior. Outro ponto é o título da notícia “Ladrão Embriagado” que não bate com o ponto mais chocante da notícia.

### 2) Corpo Queimado Localizado

Ontem à noite, o corpo de uma mulher de 18 anos foi localizado carbonizado.

O corpo era da jovem Ana Maria, carioca do Rio de Janeiro.

A polícia investiga o crime e tem certeza que o crime está ligado ao tráfico de drogas. Segundo a família da vítima, a jovem “devia” a traficantes do morro do “Dendê”, um dos mais perigosos da baixada fluminense.

O corpo vai ser cremado amanhã no cemitério municipal.

*Comentário:*

Muito bom o formato da notícia. Bem dinâmico. Mas o corpo da moça foi encontrado carbonizado e ainda vai ser cremada no cemitério municipal (ou no crematório municipal?). Na segunda linha também temos algo estranho. Ela é carioca do Rio de Janeiro? Poderíamos ver a notícia de outra forma e mudar o título para algo que girasse em torno do tráfico de drogas.

### 3) Yeda – Vergonha da Assembléia

Uma manifestação, que causou um pequeno tumulto da Assembléia Legislativa de Porto Alegre, deixou Yeda um pouco furiosa; manifestantes tentavam impedir com que continuasse no governo, estudantes, professores, trabalhadores pediram pela saída do Impeachment, por causa das enormes denúncias no seu governo, estudantes zelam pelas suas escolas que Yeda esta tentando fechá-las.

A manifestação durou mais ou menos 03 horas com faixas, gritos de pessoas pedindo pela saída da Governadora. Yeda assumiu o governo em 2006 e desde então, a ação de manifestantes é continua na assembléia.

*Comentário:*

“Pela saída do Impeachment”: O Impeachment seria a saída dela (?). O restante está bem claro, mas há de se ter cuidado para não gerar frases com sentido questionável como a de cima.

### 4) A Gripe Suína Chega ao Brasil

Os aeroportos brasileiros estão fazendo grande vigilância com os passageiros recém chegados das regiões mais afetadas pela gripe.

Já tendo 8 casos confirmados no Brasil, a atenção redobra:

Vários vôos estão sendo cancelados com receio de serem contaminados pela gripe suína, com isso empresas de transportes aéreos estão baratiando os preços das passagens e dando informações sobre a gripe.

Muitas pessoas estão deixando de viajar para o exterior. E estão viajando para regiões dentro do país.

A atenção tende a aumentar.

*Comentário:*

Muito próximo a uma notícia de jornal: imparcial e direto.

#### 5) Caco Barcelos da Entrevista em Porto Alegre.

Na última terça feira, dia 12, Caco Barcelos deu uma entrevista para o jornalista Ruy Carlos Ostermam. Eles falaram bastante sobre o programa Profissão Repórter, na qual Caco Barcelos apresenta na Globo. Caco falou sobre as emoções de fazer documentários, dos acidentes, das violências na favela, dos sonho dos meninos em serem jogadores de futebol, das dificuldades que as pessoas passam, etc. A cada documentário feito ele diz que adquire conhecimentos da vida.

*Comentário:*

Caco Barcelos apresenta um programa na Globo, mas faltou o dia e horário.

#### 6) + Praticidade

Foi Inaugurada esta semana a nova ponte que liga a grande Porto Alegre com a cidade de Guaíba.

A ponte tem extensão de 25 Km e permite a passagem de pedestres nas laterais, com corredores exclusivos para motocicletas, assim evitando inúmeros acidentes. Além de ajudar para que não haja mais tanto congestionamento as grandes cidades.

***Comentário:***

Ponte com 25 Km? 25 Km é a distância de Guaíba até Porto Alegre. Com passagem de pedestres nas laterais – 25 Km caminhando? Cuidado com informações exageradas e sem uma pesquisa anterior.

#### 7) Tragédia Facial – Mulher é atacada e tem o rosto deformado

O crime ocorreu no metrô de Porto alegre (Trensurb), por volta das 23h de quinta-feira, dia 7 de março.

Segundo relatos de testemunhas que estavam presentes no mesmo assalto, a vítima, junto com todos os outros, foi abordada por 5 homens na saída do metrô voltando da casa de sua mãe em São Leopoldo. Todos entregaram seus pertences aos assaltantes, com exceção a vítima. Maria Luiza de Lima e Silca, 32 anos, ao reagir ao assalto foi puxada por sua bolsa, enquanto o segundo homem a agrediu violentamente com uma barra de ferro seu rosto, e fugiram logo após o incidente.

As outras vítimas presentes a socorreram levando-a para o pronto-socorro de POA, onde foi feita a cirurgia imediatamente. Apesar da urgência do atendimento, os danos foram irreversíveis. A vítima não pode falar, respira com dificuldade por conta do acidente e perdeu grande parte da arcada dentária.

Tanto a vítima quanto a família não se conformam com o acidente. Nenhum suspeito foi encontrado.

***Comentário:***

Muito Bom. O título combina com o corpo do texto. Dizem que hoje em dia uma tragédia com uma única pessoa causa mais impacto do que uma tragédia em grupo. A não ser que seja algo do tipo desastre de avião.

***Comentário geral:*** para pessoas não ligadas ao jornalismo, até que se saíram muito bem. Parabéns.

## Anexo 6

## Passou um filme na minha cabeça



Venho notando que, ultimamente, os jogadores têm assistido a filmes em suas cabeças. Não faz muito, inclusive, o Andrezinho contou que viu uma dessas projeções. Ele ia bater a falta contra o Flamengo, na quarta-feira passada, e aí começou o tal filme. No caso do Andrezinho, segundo o próprio, ele repassou velhas entrevistas que concedeu, críticas que recebeu, comentários da imprensa escrita, falada e televisada. Quer dizer: o filme do Andrezinho foi um documentário.

Depois de ouvir essa declaração do Andrezinho, fiquei prestando atenção na cena da falta, repetida inúmeras vezes pela TV. Queria ver a expressão absorta do Andrezinho pouco antes de chutar a bola, ele revendo suas entrevistas, ouvindo mais uma vez as críticas e talicoisa. Mas, falta de sensibilidade minha, não consegui perceber nada disso.

A maioria dos jogadores, porém, não vê documentários, como Andrezinho. Eles veem cinebiografias. Suas próprias vidas.

— Em um segundo, toda a minha vida passou diante dos meus olhos. As dificuldades que passei, os problemas da minha família, o sofrimento da minha mãe, minha infância pobre...

Bem como as pessoas que correm riscos extremos de morte. Já li sobre isso, sobre

essas pessoas. Elas também assistem à vida inteira delas quando estão em perigo. Uma vida em um segundo!

Certa feita um guerrilheiro das FARC apontou um cano de metralhadora para meu frágil peito. Risco de morte, suponho. Não gostei da experiência e gostei menos ainda porque, puxa, não vi filme nenhum. Terei alguma deficiência cinematográfica em meu cérebro?

E, se tivesse assistido ao filme da minha vida, como seria? Digo: que gênero de filme? Drama ou de terror é que não. Comédia, talvez. Quem sabe filme de aventura... Quantas estrelinhas meu filme ganharia do Segundo Caderno? Será que eu acharia meu filme chato? E se eu dormisse durante a sessão???

Essas questões têm me inquietado. Os jogadores não passam por tais dilemas. Basta que estejam prestes a bater uma falta que já assistem a filmes em suas cabeças. Que inveja.

### Loira, alta, pernas longas

Alguns homens sentem medo de sair com loiras altas, de pernas longas, sobretudo as que têm um metro e noventa e dois de altura. Eu, não. Ah, não! Digamos a Maria Sharapova, que, além de loira, com 1m92cm de altura,

ainda é russa. Chega sexta-feira, e o que a Maria Sharapova faz? Sobe em sapatos com 15 centímetros de salto, claro, que as loiras gostam muito de subir em sapatos com 15 centímetros de salto às sextas. Lá se vão os cabelos amarelos dela para 2m07cm. Dois metros e sete, meeen!

Á, nós dois, eu e Maria, entramos no bar, ela dentro de uma minissaia realmente mínima, os pés ligeiros calçados com botas de cano longo e saltos re-al-mên-te finos. Tudo que é movimentação vital no bar cessa. Todos olham para mim e para as pernas intermináveis de Maria.

Silêncio.

As respirações estão interrompidas. Ouve-se o borbulhar dos chopes em evaporação, ouve-se o som dos corações ribombando como os tambores dos pigmeus bandar. Eu e Sharapova escolhemos uma mesa bem no meio do ambiente, exposta a todos os olhares ávidos. O garçom aparece, trêmulo. Faz uma reverência. Eu:

— Chope, Shara?

Ela pede vodca. Sabe como são essas russas... Depois de alguns drinques, Maria olha para mim e mia:

— Vamos para o meu loft?

Então, toda a minha vida passaria diante dos meus olhos em um segundo, como se fosse um filme.

## Anexo 7



1) Ao que você viu / leu em aulas anteriores como você classificaria este texto?

É um artigo pois a pessoa que está fazendo o texto se posiciona em vários momentos em relação ao assunto. OK

Dica: Leia sobre crônica jornalística.  
(Qual(is) recursos o autor utiliza para prender o leitor?)  
Ele primeiramente utiliza um assunto, que ele não conseguiu com o leitor, um dia vai acontecer. O texto de Lairo por exemplo, mostra como os homens tem que prender o medo de sair com "mulheres". Ele relata a notícia de maneira, enfiada, com bastante detalhes que tem a ver com a vida cotidiana. OK

1) Nota-se que o texto oscila: começa falando de jogadores de futebol e termina falando sobre uma leiwa de ministério qual a ligação entre estes dois fatos?

É que o texto nos dá dois exemplos de situações, que por si são bem distintas, quando estamos em um momento decisivo e consideramos muito importante em nossa vida, temos medo de ver por tudo que agente já passou até então, mas não é sempre que isto acontece. OK

1) Na segunda parte do texto (Lairo, Alto) o autor narra um evento que realmente aconteceu? Por que?

Pode ter acontecido ou não, acho que provavelmente não, acho que o autor quis mostrar uma coisa sem diferença de outra, mostrando como em situações bem distintas pode-se acontecer a mesma coisa. OK

1) Exercício um "arrisco" criticando ou elogiando este texto?

O texto é bom por um lado porque ajuda nos ver como é comum ver filmes <sup>da vida</sup> em nosso cérebro. Lembrar situações já vividas, coisas boas e ruins, mostra também que isso acontece dependendo de cada pessoa e seu momento, que nem todos os dias vão sentir a mesma situação e passar o filme nessa situação, ex: nem todo mundo vai ver um documentário quando bater o penalt ou sair com uma leiwa. O que eu acho de errado é que o texto só nos mostra situações vividas por homem nos revelando que o autor é machista. OK

Ne que você já viu, leu em aulas anteriores como você  
classificaria este texto? Notícia? Artigo? Propaganda?

Artigo, pelo fato de que ~~o~~ <sup>o</sup> pessoa que fala do  
sua opinião e conta a sua história. Dica: Leia Sobre Crônica

- Qual(is) recursos o autor se utiliza para prender o  
leitor?

Ironia, por falar ~~em~~ sobre um assunto engraçado  
do que acontece na vida dele. OK

Nota-se que o texto oscila, começa falando de jo-  
gadores de futebol e termina falando sobre uma leira de  
nossaio. Qual ligação entre esses dois fatos?

É que esses dois fatos, é relacionado a homem,  
recebi que talvez quem conta os dois fatos são ho-  
mens. ... Será?

- Na 2ª parte do texto (BOIRA, ALTA) o autor narra um  
evento que realmente aconteceu? Porque?

Na minha opinião, acho que não aconteceu. Pelo fato  
de que ele estava comparando os jogadores de fu-  
tebol que a vida deles passavam na cabeça quando a  
andava alguma coisa, e ele ouve falava que se saísse  
em uma leira a vida dele ia passar na cabeça. OK

Escreva um "artigo" (criticando ou elogiando esse texto).

O texto pra nós mulheres não tem interesse nenhum  
em maioria não gostamos de futebol e muito menos de  
mulheres loiras e altas. Eu não gostei do texto, apesar de co-  
ntar com parças que o autor falou. Os jogadores de fu-  
tebol tem mania de falar as mesmas coisas, falar do mesmo  
modo, o modo de se vestir e isso irrita. É em questão das  
mulheres loiras e altas, a maioria das mulheres não sai por cau-  
sa do tamanho, acho isso uma idiotice.

Então pra mim, o texto não me ajuda em nada. OK

